

# GENERAL EUCLIDES FIGUEIREDO

A memória do Gen EUCLIDES FIGUEIREDO, um de seus ilustres fundadores, A DEFESA NACIONAL rende, nesta oportunidade, sua singela homenagem.

Marechal FLOBIANO PEIXOTO KELLER



Conforme foi noticiado amplamente, faleceu em Campinas, no dia 20 de dezembro de 1963, e foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, no Rio, o General Euclides de Oliveira Figueiredo.

2º Tenente de Cavalaria, o finado integrou, no governo Hermes, a turma de jovens oficiais estagiários no Exército alemão, antes da 1ª Grande Guerra Mundial, assim constituída:

Infantaria — Cap Luiz Furtado do Nascimento, Cap José Carlos Vital, 1º Tenente José Antônio Coelho Ramalho, 1º Tenente Luiz Gonzaga dos Santos Sarahiba, 1º Ten Arminio Borba Moura, 1º Ten José Bento Tomaz Gonçalves,

1º Ten Amaro de Azambuja Vila Nova, 1º Ten Julião Freire Esteves, 2º Ten Joaquim de Souza Reis e 2º Ten Estevão Leitão de Carvalho.

Cavalaria — Cap Arnaldo Brandão, 1º Ten Estelita Augusto Werner, 1º Ten Jeronimo Furtado do Nascimento, 1º Ten José Maria Franco Ferreira, 1º Ten Leopoldo Itacoatiara de Senna, 1º Ten Augusto de Lima Mendes e 2º Ten Evaristo Marques da Silva.

Artilharia — Cap Emilio Rosamo de Almeida, Cap Francisco Jorge Pinheiro, 1º Ten Cezar Augusto Parga Rodrigues, 1º Ten Olinto de Mesquita Vasconcelos, 1º Ten Epaminondas de Lima e Silva, 1º Ten Eduardo Cavalcanti de Albuquerque e Sá, 1º Ten Bertoldo Klinger, 1º Ten Manoel Bougard de Castro e Silva e 1º Ten Alexandre Galvão Bueno.

Engenharia — 1º Ten Ulhoa Cintra.

Essa turma de oficiais transformou, ao regressar da Alemanha, a mentalidade filosófica reinante no Exército desde 1889. A mística do devotamento profissional aflorou nos "jovens turcos" da época, com reflexos nos regulamentos militares, surgindo conceitos como os se-

guintes: "O exemplo dos chefes é o maior incentivo para a tropa" e "Dentro da Lei, obedecer é tão nobre como comandar". Naquela oportunidade o Exército foi reorganizado e apetrechado com armamento alemão. Mauser Eherardt e Krupp, todos de boa têmpera e ainda em uso no Brasil.

Capitão de Cavalaria, Euclides Figueiredo comandou o Esquadrão da Escola Militar do Realengo, auxiliado pelos Tenentes Renato Paquet, Antonio da Silva Rocha e Orozimbo Martins Pereira. Estávamos então sob o signo da "Missão Indígena" no governo Epitácio Pessoa.

A primeira Guerra Mundial havia terminado e os seus ensinamentos começaram a vigorar no Exército sob a orientação da Missão Militar Francesa. Nova renovação espiritual e material sacudiu toda a organização. Sangue novo renovou o quadro dos oficiais combatentes.

Oficial superior, Euclides de Figueiredo integrou os gabinetes dos Ministros Setembrino de Carvalho e Pandiá Calógeras, onde prestou uma brilhante colaboração na ligação com o Estado-Maior do Exército e a Missão Militar Francesa.

As atividades das escolas eqüestres alemã, francesa e indígena, tiveram convergência na Liga de Esportes do Exército entrosada com o Clube Esportivo de Equitação e a Sociedade Hípica Paulista e bem patrocinada pela Prefeitura do Distrito Federal. Do choque resultante das competições nacionais e internacionais a partir do centenário em 1922, resultou um progresso acentuado no hipismo e a sua caracterização atual das competições do belo ramo desportivo — fazer cavalaria com cavalheirismo. Ainda como Oficial Superior, Euclides Figueiredo comandou o 1º Regimento de Cavalaria Divisionária, entregando em várias oportunidades o histórico e vistoso uniforme de "Dragão da Independência". Por ocasião das articulações políticas da chamada Aliança Liberal em 1929, foi designado pelo governo Washington Luís para o comando de uma Brigada de Cavalaria no Rio Grande do Sul. Fiel à sua vocação de soldado constitucionalista, acabou sendo prêso por ocasião da Revolução de 1930 e recolhido com cerca de 200 oficiais que ficaram fiéis ao governo constituído.

Em face das injustiças clamorosas então praticadas pelo Governo Provisório e a indisciplina reinante nas Forças Armadas, insuflada pelo famigerado "Clube 3 de Outubro", de triste memória, surgiu a eclosão do Movimento Militar Constitucionalista de 1932 com base em São Paulo e ramificações pelo Brasil. Nesse movimento, Euclides Figueiredo mostrou a sua fibra de cidadão e soldado. Surgiu um líder. O documento que se transcreve, por um capricho do destino, 31 anos depois, refulge a luz que ainda irradiava do 9 de julho de 1932. Ei-lo na íntegra: "Conselho de Generais — Delegação — Os militares exilados, coerentes com os princípios de defesa da hierarquia, por que se bateram, desejosos de possuírem uma organização por intermédio da qual possam prosseguir no movimento e nos objetivos constitucionais de 9 de julho, resolvem delegar aos generais, por essa

causa, residentes em Lisboa, reunidos em Conselho, podêres para deliberar, representar e dar ordens sôbre tudo que se relacionar com ação e participação militar do movimento em aprêço. O Cel Figueiredo continuará com a incumbência que lhe foi conferida. Lisboa, 20 de dezembro de 1932, (ass) Coronel Luiz Lobo, Cel José Joaquim de Andrade, Cel Pedro Dias de Campos, Cel Christovam Colombo de Mello Mattos, Ten-Cel Joaquim Theopompo de Godoy Vasconcellos, Ten-Cel A. Cunha Leal, Ten-Cel Aquino Correia, Ten-Cel Abilio Pereira de Rezende, Ten-Cel Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, Maj Henrique Quintiliano de Castro e Silva, Major José Novaes, Maj Luiz Silvestre Gomes Coelho, Maj Antonio Pistcher, Maj A. Paes Brasil, Maj Reynaldo Saldanha (Discordando), Maj Reys Junior, Cap Arnaldo Mancebo, Cap Irapoan Potyguara, Cap Oswaldo Pereira de Carvalho, Cap Rogerio de A. Lima, Cap André de Souza Braga, Cap Archimino Pereira, Cap Iberê Leal Ferreira, Cap Julio Paes Leme, Cap Mariano Gomes da Silva Chaves, Cap Severino da Costa Junior, Ten Carlos Tamoyo da Silva, Ten José Carlos Campos Christo, Ten Emanuel Aducto Pereira de Mello, Ten S. Mendes de Holanda, Ten Joaquim de Mello Camarinha, Ten Severino Sombra, Ten Agildo da Gama Barata Ribeiro, Ten Rubens dos Santos Paiva. Acompanha o original uma carta do Cap Othelo Franco, expondo o seu modo de pensar".

Tendo partido a 18 de dezembro de 1932 de Lisboa para Londres, a bordo do "Almeda Star", da "Blue Star Line", em missão dada pelo Cel Figueiredo, deixaram de apor as suas assinaturas no documento o Major Cyro Vidal, o Cap Floriano Peixoto Keller e o 1º Ten Argemiro de Assis Brasil.

Depois de um longo e cruel exílio na República Argentina durante todo o ano de 1933 e anistiado em 2 de janeiro de 1934, Euclides Figueiredo retornou ao Brasil com os seus companheiros. A política o envolveu mais tarde fazendo-o deputado federal na legenda da UDN.

Nas comissões técnicas da Câmara a sua atuação foi das mais brilhantes e os seus conselhos e pareceres acatados pelos seus colegas. Foi útil à sua classe. Candidato a senador pelo Distrito Federal não logrou ser eleito, talvez devido às artimanhas das "injunções partidárias". Ultimamente à proporção que os anos marchavam e o seu rijo corpo se desgastava, mais brilhante se tornava a chama do seu espírito, para afinal desprender-se da matéria em fins de 1963 na decantada cidade das Andorinhas, berço de Carlos Gomes.

Do que aconteceu desde 9 de julho de 1932 até o dia do seu passamento e daqui por diante, em face das circunstâncias que são do conhecimento de tôdas as criaturas dotadas de sensibilidade, experiência, inteligência e raciocínio, pode-se, sem favor nenhum, dizer que o Brasil perdeu um reto cidadão e o Exército um valoroso Soldado.

Na selva selvagem da política brasileira, Euclides de Oliveira Figueiredo foi um autêntico jequitibá com capacete de "Dragão". Paz à sua alma e conforto à sua família.